

QUANDO A MARÉ BAIXAR: OS SIGNIFICADOS SOCIOCULTURAIS DO “BABA DO VINHO” DOS “AMIGOS DO ACUPE” EM PIATÃ, SALVADOR, BAHIA

WHEN THE TIDE LOWS: THE SOCIOCULTURAL MEANINGS OF “BABA DO VINHO” FROM THE “AMIGOS DO ACUPE” IN PIATÃ, SALVADOR, BAHIA

CUANDO BAJA LA MAREA: LOS SIGNIFICADOS SOCIOCULTURALES DEL “BABA DO VINHO” DE LOS “AMIGOS DO ACUPE” EN PIATÃ, SALVADOR, BAHIA

Francisco Demetrius Luciano Caldas¹
Bruno Otávio de Lacerda Abrahão²

Manuscrito recebido em: 31 de março de 2023.

Aprovado em: 28 de junho de 2023.

Publicado em: 21 de agosto de 2023.

Resumo

Em Salvador capital do estado da Bahia, um grupo de futebol amador denominado Amigos do Acupe vivenciam há mais de vinte anos nas areias da praia de Piatã jogos quinzenais e em particular um jogo singular no período da Semana Santa e popularmente conhecido como *Baba do Vinho* ou *Baba de Saia*. O objetivo deste artigo é interpretar os significados socioculturais desta partida de futebol que ocorre no tempo de lazer de seus integrantes no sábado de aleluia do feriado católico e que por ser um futebol de areia, depende do movimento das marés, tanto em seus jogos rotineiros, como também nesse dia festivo. A metodologia pautou-se pela etnografia com a utilização da observação participante, diário de campo e entrevistas. Os resultados revelaram o Baba do Vinho dos Amigos do Acupe como um espaço de sociabilidade masculina na cultura esportiva e religiosa da praia e apontaram distinções entre o costume do grupo em vivenciar a tradição e outros formatos desse jogo ritual espalhados pelos bairros da cidade. Tais diferenças acionaram diálogos com construções sociais sobre masculinidade e gênero.

Palavras-chave: Baba do Vinho; Amigos do Acupe; Salvador.

Abstract

In Salvador, capital of the state of Bahia, an amateur soccer group called Amigos do Acupe have been playing fortnightly games on the sands of Piatã beach for more than twenty years, and in particular a unique game during Holy Week, popularly known as *Baba do Vinho* or *Baba do Vinho. Sai Baba*. The objective of this article is to interpret the sociocultural meanings of this soccer match that takes place during the leisure time of its members on the Saturday of Hallelujah of the Catholic holiday and that, being a beach soccer, depends on the movement of the tides, both in its routine games, as well as on this festive day. The methodology was guided by ethnography with the use of

¹ Doutorando em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Educação Física pela Universidade Federal do Vale do São Francisco. Professor no Instituto Federal do Sertão Pernambucano. Líder do Grupo de pesquisa Coletivo de Estudos em Educação e Educação Física.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5542-2436> Contato: demetriuscaldas@hotmail.com

² Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho. Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal da Bahia.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0155-8500> Contato: bruno.abrahao@ufba.br

participant observation, field diary and interviews. The results revealed the Baba do Vinho dos Amigos do Acupe as a space for male sociability in the sports and religious culture of the beach and pointed out distinctions between the group's habit of experiencing tradition and other formats of this ritual game spread across the city's neighborhoods. Such differences triggered dialogues with social constructions about masculinity and gender.

Keywords: Baba do Vinho; Friends of Acupe; Salvador.

Resumen

En Salvador, capital del estado de Bahía, un grupo de fútbol amateur llamado Amigos do Acupe juega quincenalmente en las arenas de la playa de Piatã desde hace más de veinte años, y en particular un juego único durante la Semana Santa, conocido popularmente como Baba do Vinho o Baba do Vinho Sai Baba. El objetivo de este artículo es interpretar los significados socioculturales de este partido de fútbol que se desarrolla durante el tiempo libre de sus integrantes el sábado de Aleluia de la festividad católica y que, al ser un fútbol playa, depende del movimiento de las mareas, tanto en sus juegos de rutina, como en esta jornada festiva. La metodología fue guiada por la etnografía con el uso de observación participante, diario de campo y entrevistas. Los resultados revelaron la Baba do Vinho dos Amigos do Acupe como un espacio de sociabilidad masculina en la cultura deportiva y religiosa de la playa y señalaron distinciones entre la costumbre del grupo de vivir la tradición y otras formas de este juego ritual esparcidas por los barrios de la ciudad. Tales diferencias desencadenaron diálogos con construcciones sociales sobre masculinidad y género.

Palabras clave: Baba do Vinho; Amigos de Acupe; Salvador.

Introdução

“Colorir a estrela da manhã, Com o sol com o sal de Piatã”
Baiana System

“Baba” é a denominação que o futebol vivenciado no âmbito do lazer recebe no estado da Bahia. Tomado como um fenômeno cultural, ele expressa valores e sentimentos da sua pluralidade através de jogos que lançam luz sobre diversos temas, como racismo, gênero e religiosidade. Entendendo a cultura no sentido de Geertz (1989), como um mapa público que orienta ações a partir dos seus significados, a pergunta que orienta este artigo é: quais valores assumem a realização de partidas que ocorrem no “Sábado de Aleluia” da “Semana Santa”, que colocam em destaque valores da tradição católica cuja vivência como experiência de lazer depende do movimento das marés da praia de Piatã, em Salvador, Bahia? Nosso objetivo é interpretar os significados socioculturais de uma partida de futebol denominada “Baba do Vinho”.

Este período tem muitos significados para a tradição católica. É costume não consumir carnes vermelhas, pois o sangue da carne simboliza o “sangue de cristo”, bem como há um cuidado em relação à contenção de excessos, tidos como desrespeitosos à memória da morte de Jesus. O Sábado de Aleluia tem por significado a espera pela ressurreição de Jesus após a crucificação, que é lembrada na sexta-feira santa. É o último dia da Semana Santa, que antecede a comemoração da Páscoa. O sábado é celebrado como dia em que o corpo de Cristo ficou sepultado.

É com a maré baixa que os coqueirais e seu mar aberto com ondas calmas caracterizam ainda mais a praia de Piatã. É nesta condição também que os babas que ocorrem nas mediações da Avenida Orlando Gomes nas manhãs dos sábados se organizam em suas longas e firmes faixas de areia, ou como lembrou José Miguel Wisnik em suas memórias futebolísticas no litoral do estado de São Paulo, que quando a maré baixa, “as areias se oferecem como extasiantes e granuladas mesas de bilhar ao sol, prateadas, [...] na beira líquida e firme do vai e vem do mar” (WISNIK, 2008, p.31).

Seguindo a tábua das marés, estes grupos encontram as areias de Piatã propícias para o futebol de areia a cada quinze dias, demarcando a periodicidade de seus jogos duas ou três vezes por mês, podendo ocorrer mais vezes quando a maré segue baixa por dois sábados seguidos. Mas isso não é o que comumente acontece e a logística deste grupo opera com a organização de dois encontros por mês, às vezes três. Nos referimos ao baba Amigos do Acupe, como está expresso nos coletes verdes e laranjas dos jogadores, ou ao *Baba de Aldinho*, segundo informou proprietária da barraca de praia que funciona como ponto de referência para o grupo. A comemoração do Baba do Vinho neste grupo de futebol amador é uma extensão das relações de amizade de longa data que sustentam a rotina e a história dos Amigos do Acupe. Eles se encontram durante todo o ano e se confraternizam neste dia. O Baba do Vinho se propõe a celebrar no tempo do lazer esta rede de afetos, vivenciando costumes relacionados à tradição religiosa do sábado de Aleluia e agregando a estes, outros significados geridos por um futebol de areia que depende das forças da natureza.

O caminho metodológico foi pautado pela etnografia, uma vez que nos dispomos a conhecer o grupo e sua rotina em Piatã e assim, por intermédio de um boleiro e amigo Sergio José, também integrante e agora afastado do grupo por motivos de saúde, conhecemos o coletivo na primeira semana de fevereiro de 2022. Como técnicas tradicionais da etnografia, a observação participante e entrevistas foram acionadas no período de abril de 2022 a março de 2023 e ocorreram nos jogos rotineiros dos sábados e no dia do Baba do Vinho desse ano previsto para o mês de abril. Ressaltamos que as entrevistas foram realizadas no período de janeiro a março de 2023, totalizando dez entrevistas.

O referido grupo atendeu os critérios de inclusão na pesquisa anteriormente delimitados: (a) evidenciar tradição e regularidade enquanto um Baba na cidade; (b) vivenciarem o Baba do Vinho no período da tradição religiosa e (c) aceitaram participar da pesquisa. Esta pesquisa foi submetida ao CEP - Comitê de Ética e Pesquisa em seres humanos da Escola de Enfermagem da Universidade Federal da Bahia-UFBA e aprovada pelo parecer consubstanciado número 5.815.703.

As dinâmicas do Amigos do Acupe

O grupo “Amigos do Acupe” é composto por um grupo heterogêneo quanto à idade dos participantes e como informa a estampa de seus trajes, são em sua maioria moradores do bairro Acupe de Brotas em Salvador. Originalmente Acupe de Brotas não era um bairro e sim um distrito pertencente ao Bairro de Brotas³, com regulamentação de lei em 2017 que dispunha acerca da delimitação e denominação dos bairros de Salvador, o distrito do Acupe de Brotas, anteriormente pertencente ao Bairro de Brotas, passou a ser bairro (SALVADOR/BA, 2017).

³ De acordo com Meneses (2018), o bairro de Brotas se caracteriza pela diversidade de sua população, abrigando todas as classes sociais. Era originalmente uma fazenda pertencente à família Saldanha, e há pouco mais de cem anos foi iniciada a sua ocupação. Brotas possuía alguns distritos que hoje se tornaram bairros, como por exemplo: Matatu, Vila Laura, Cosme de Farias, Engenho Velho de Brotas, Acupe, Horto Florestal, Daniel Lisboa e Campinas de Brotas.

Assim como outras praias da orla marítima de Salvador⁴, Piatã é um exemplo de território urbano em que uma “cultura da praia”, como denominou o antropólogo baiano Thales de Azevedo (1988) se faz presente. Segundo o autor, o “modo de ser” do baiano também se construiu nesses espaços, em que a permanência na praia em feriados ou fins de semana envolve um ritual sagrado e misterioso, uma realização da própria personalidade.

Figura 1 – Piatã na década de 1970.



Fonte: Daniel J. Mellado Paz (2017).

Figura 2 – Piatã dias atuais.



Fonte: arquivo pessoal.

⁴ Segundo Riseiro (2004), Salvador vai incorporar as praias como espaços de lazer em meados do século XIX sob influência do Rio de Janeiro, expressando os valores e estilos citadinos.

Piatã, localizada ao norte da cidade⁵ como opção de ir a praia para os soteropolitanos guarda muita história. No livro *História de Salvador nos nomes das ruas*, de Luiz Eduardo Dórea (2006), o nome da praia nasce de uma antiga fábrica de óleo denominada Piatã⁶, fundada por Herbert Rocha Vaz. A fábrica fechou e toda esta região ficou assim sendo chamada. O pesquisador Aroldo Abrantes da Silva (2019) afirma que tal informação é tomada como verdadeira por muitos, mas também revela contrapontos quando investigou pescadores da praia em sua tese de doutorado e os mesmos afirmaram que “para eles ali sempre foi o Porto de Baixo de Itapuã e que não sabiam de onde, nem como surgiu o nome Piatã “(SILVA, p.252)”. Outros pescadores confirmaram que

Aquela praia era conhecida antigamente como praia de São Tomé, por causa de uma pedra que tem uma marca que parece com uma pegada. Próximo da pegada de São Tomé construíram uma cruz e havia uma procissão da Igreja católica celebrando a passagem de São Tomé por aquela praia. (SILVA, p. 253)

Histórias a parte, os integrantes do Amigos do Acupe compõem a paisagem de Piatã aos sábados desde longa data. É quase três décadas ocupando um território na cidade, um lugar que acolheu seus integrantes e passou a existir em suas vidas e itinerários urbanos. A memória, seus silêncios e esquecimentos (POLLAK, 1992) são acionados, numa negociação entre o que não será mencionado e o que virá a tona para contar essa história:

“... Esse baba tem mais ou menos 25 a 30 anos, nasceu de uma brincadeira simples que veio pouco a pouco crescendo, esse crescimento tá aí até hoje né! tem pessoas aí que os filhos já estão jogando e a gente já está se aposentando. Como eu mesmo que tenho 57 anos, a diferença que eu tenho uma filha e não tenho um filho homem. É frequente de 15 em 15 por causa da Maré; na verdade ele é cogitado por muitos pela beleza de Piatã [...] Então o que que você guarda desse baba? É saber que esse baba foi fundado há quase 40 anos e que filhos de alguns colegas hoje participam, essa é a grande vitória desse baba” (Pedro Mamed Bastos).

⁵ A praia compõe parte da orla atlântica soteropolitana, sendo bastante frequentada pelos moradores e turistas. Os estudos de Serpa et.al (2019) revelam o potencial turístico e econômico da praia, com ênfase na sua economia local de vendedores, barraqueiros e prestadores de serviços; sinaliza também a falta de estrutura para os frequentadores, como , chuveiros, banheiros e água potável. Quanto a sua acessibilidade, as pesquisas de Vasconcelos (2019) afirmam que entre as praias da orla da cidade alta, Piatã se destaca como acessível para as pessoas com deficiência, muito mais por suas condições naturais do terreno plano em quase toda sua extensão, do que pela existência de rampas ou outros equipamentos voltados à superação dos obstáculos.

⁶ O livro também traz significados em torno do nome Piatã, que em tupi significa o persistente, o obstinado, o “pé de boi”. Tal como o pioneiro Herbert Rocha Vaz e sua Oleífera Piatã. A cidade cresceu, a fábrica mudou-se e deixou seu nome no local que é, hoje, uma das praias mais conhecidas da cidade.

Adroaldo Reis, popularmente conhecido como Aldinho e organizador do baba conta com mais detalhes o começo do grupo, reafirmando seus quase trinta anos de existência:

Nós começamos há 25 anos atrás. Esse baba surgiu de uma desistência do Baba do Hospital das clínicas e aí passou pra gente; desses 25 anos pra cá a turma de Brotas do Acupe tomou conta desse espaço e fizemos o baba da gente e estamos até hoje. Moramos a maioria em Brotas e a praia na verdade é nossa sede, que é o lugar que acontece tudo.

Daquele dia para a atualidade, o grupo é formado por mais de quarenta integrantes com idades entre os dezoito até mais de sessenta anos. Entre estes mais de trinta são mensalistas, contribuem com uma quantia de trinta reais por mês para custear as despesas fixas com arbitragem, lavagem dos coletes, goleiro⁷, e os materiais de consumo como bolas, coletes, redes e traves. Cada um dos integrantes pode convidar um amigo para o jogo, cedendo-lhe sua vaga, caso o indicado se faça presente em três babas seguidos e demonstre interesse, ele torna-se mensalista e integrante oficial do grupo. Assim os *Amigos do Acupe* oxigenam com novos integrantes sua tradição ao longo desses anos.

Figura 3 – Na praia.



Fonte: arquivo pessoal.

Aos moldes do futebol tradicional, todo jogo é constituído de dois times de dez jogadores e um goleiro com duração de dois tempos de quarenta e cinco minutos, com intervalo entre os tempos. Um árbitro conhecido por todos como *Mon* enfatiza que as regras são aquelas do futebol profissional, pontuando a obrigatoriedade dos dez passos ao marcar uma falta e a diferença na utilização de cartões azul e vermelho. Durante o

⁷ As demandas com arbitragem e goleiro são remuneradas por jogo e estes participantes em sua grande maioria são ex profissionais, sobretudo os árbitros, ou tiveram passagens significativas em times de base.

tempo de jogo todos se referem aos árbitros como “professor”, questionando muitos lances e expondo a competitividade. Como em todo futebol, os juízes vão da glória à desgraça em fração de segundos, ou como diz popularmente em Salvador à *disgraça*; um sábado ou outro, um jogador insatisfeito profere ofensas, é expulso com avisos de futuras punições pelo comportamento e deixa o campo, demarcado lateralmente pelas marcas das ondas do mar e um espaço limítrofe com as mesas das barracas, vociferando: *vá se fuder*”, “*tomar no cú porra*”, “*não acordei cedo pra ser expulso do baba*” (Diário de campo, abril de 2022).

Figura 4 - Tensão com o “professor”.



Fonte: acervo do grupo WhatsApp Melhor Baba do Mundo.

O grupo abriga muitos ex-jogadores profissionais, devido as suas rotinas, permanecem por um tempo, depois se ausentam para retornar em breve⁸; outros possuem experiência nas categorias de base de equipes profissionais, mas que por motivos outros não deram continuidade a profissionalização. Este perfil, provavelmente é um dos elementos que explica o acirramento das partidas e o aporte técnico de muitos jogadores, realçado nos depoimentos: “... esse baba aqui é muito competitivo, já chegou gente de fora que tá passando pra olhar e diz pô eu não vou não. Não teve nenhum corajoso que entrou pra desafiar não” (Julival Gomes da Silva).

⁸ O Wellington Vieira que jogou no Vitória (2004 a 2012), Cruzeiro (2013), Curitiba e no Bahia é um exemplo disso, sempre que pode marca presença no Baba. O Evandro Oliveira de Assis atuou pelo Vitória em 1985 e 1986, é assíduo no grupo, bem como mensalista. O Adroaldo Reis de Miranda (Aldinho) também possui experiências no campo, mas como afirmou não se profissionalizou.

Por volta das oito horas da manhã, as traves são retiradas a enxadadas das valas de média profundidade feitas na areia úmida para guarda-las e escondê-las de possíveis furtos já ocorridos com o grupo; próximo às nove e meia o jogo começa e segue até perto das onze horas, quando as resenhas dos lances polêmicos e melhores jogadas começam na barraca de Paula, sempre acompanhadas de cervejas.

Para os Amigos do Acupe, Paula é chamada carinhosamente de *várias queixas* e desempenha simbolicamente o papel de matriarca do grupo. Por várias vezes presenciei jogadores chegando e cantarolando com o bom dia a música do grupo Gilsons: “... Várias queixas de você, Por que fez isso comigo? Estamos juntos e misturados, Meu bem quero ser seu namorado... Várias queixas”!⁹

Conhece por demais aquele trecho de Piatã; em seus mais de quarenta anos de idade, desde os oito anos acompanhava seus pais nos trabalhos com a barraca. Além da labuta que o comércio praieiro exigia, foi preciso um esforço familiar para resistir contra as investidas do poder público em desapropriar os comerciantes das barracas em políticas públicas de reordenamento da orla marítima de Salvador¹⁰. Lembra com tranquilidade: “... aqui era primeiro meu pai que cuidava, depois foi minha mãe e agora sou eu com esse meu filho aí mais velho”.

Na pandemia, os desafios para manter o estabelecimento recrudesceram, uma vez que os babas nas praias ficaram proibidos, fazendo cair sobremaneira o movimento das barracas. É da movimentação dos babas que vem parte considerável das vendas de bebidas e comidas, além do que recebe pela lavagem e cuidado com os coletes. Os *Amigos do Acupe* concentram suas atividades em sua barraca, mas outros grupos de babas tradicionais também consomem seus produtos, como o *Baba do Thiago* e o *Baba do Joel*. Enaltece o responsável pelo grupo, afirmando que “... se não fosse a ajuda do Aldinho, não teria segurando a barra na pandemia” (Dona Paula).

⁹ Afro Jhow / Germano Meneghel / Narcisinho. *Várias queixas*. Rio de Janeiro: Som Livre. EP 2019.2:50.

¹⁰ Souza (2017) explica que as ações de planejamento e de gestão na Orla Marítima de Salvador não seguem as principais normas e políticas nacionais sobre a Zona Costeira, sem priorizar ações intergovernamentais e articuladas com a população. Seus estudos tomam ações do “passado” (1970-2010) e do “presente” (2013-2016). Destaca que nas ações mais atuais, que dizem respeito às iniciativas do governo do estado no corredor turístico (2013-2016) e às ações da gestão municipal no Programa de Requalificação da Orla (2013), foram verificadas a quase total desvinculação com as normas instituídas pela política costeira e com outras relativas ao planejamento e à gestão pública, gerando conflitos entre a população e órgãos públicos.

Figura 5 - Barraca de Paula.



Fonte: acervo pessoal.

A organização de cada partida começa como afirma Aldinho no final de cada jogo, é na resenha que se inicia o planejamento do próximo sábado. Para um coletivo robusto, a criação de um grupo de WhatsApp intitulado *Melhor Baba do Mundo* em outubro de 2015 foi providencial para organizar, discutir e deliberar as demandas necessárias ao seu bom funcionamento. Na praia, cadernos de anotações com as escalações dos times, folhas de registros que funcionam como súmulas, anotações de gastos, o nome dos que marcaram gols, faltas e punições¹¹ circulam entre os jogadores. Esse aparato de informações chega sintetizado no grupo de WhatsApp como forma de lembrar o compromisso de todos. Entre estes dispositivos organizacionais, também circulam a atenção de todos com a tábua das marés que baliza os sábados propícios para o encontro e como não poderia faltar à socialização dos momentos de lazer dos integrantes.

¹¹ No jogo o grupo preza pelo que denominam “espírito familiar” ou como afirmam “não é permitido um comportamento desleal ou com xingamentos, sem respeito” (Evandro Oliveira de Assis). Dois cartões estão em jogo: o azul como uma advertência, o jogador descansa pelo tempo de cinco minutos e depois pode retornar ao jogo; o vermelho é expulsão sem retorno, podendo ser substituído por outro jogador dez minutos depois. Nas expulsões, o comportamento será analisado posteriormente por todos para deliberar a punição que a depender da gravidade pode ser estipulada em um número de jogos sem poder atuar ou pagar multa. Estas regras são acordos tácitos e firmados no coletivo, não existindo nenhum documento formal a exemplo de um regimento interno.

Figura 6 - Escalação dos jogadores e Tábua das Marés.



Fonte: acervo grupo WhatsApp Melhor Baba do Mundo.

Figura 7 - lazer dos integrantes.



Fonte: acervo grupo WhatsApp Melhor Baba do Mundo.

Todos estes artefatos de organização e comunicação do grupo, tais como listas com variadas informações de escalações ou mensalistas em situação regular, espécies de súmulas, imagens da tábua das marés entre outros, nos faz lembrar daquilo que Michel de Certeau (2002) denominou de “produção secundária” dentro de uma cultura popular. Todos esses instrumentos funcionam como pequenas estratégias populares e cotidianas do grupo para gerenciar e garantir sua existência em meio aos compromissos pessoais de cada um e a ocupação do espaço na praia, território que por mais que o grupo ocupe há anos é sempre disputado por novos barraqueiros, que avançam com mais mesas para a clientela, banhistas, circulação de surfistas e demais praticantes de outras atividades esportivas e de lazer nas areias.

O volume de informações que o grupo de WhatsApp dispõe é grande e com os mais variados assuntos recorrentes nestes ambientes, mas quando os ânimos se acirram, geralmente canalizam para a organização sadia das tarefas do coletivo, que passa necessariamente pelo compromisso com a mensalidade:

Pois é, sem dinheiro não se faz baba, o nosso ainda está vivo pq eu corro atrás de patrocínio para bola e colete, o dinheiro que arrecadamos é só pra pagar as despesas. É foda, um espaço maravilhoso que temos e corre o risco de acabar. Vamos ter consciência!

Obrigado aos poucos que tiveram consideração, respeito e comprometimento com o baba e responderam. Tá foda, para que o baba aconteça temos que acertar juiz e goleiro e isso precisa de prazo, quinta feira e meia dúzia respondeu (Aldroaldo Reis, “Aldinho”).

Esse baba pelo nível de qualidade, amizade, resenha, não deveria ficar "mendingando" mensalistas. Muitas vezes, o presidente pelo coração gigante e respeito e amizade por todos, acaba relevando situações que realmente no decorrer dos anos, não cabem mais. Durante anos, fui ao baba como espectador, e com vontade de jogar. Faziam fila para jogar, 10,12,15 esperando de fora, uma oportunidade para jogar. Como goleiro [...] nunca fui mensalista, mas, nunca cobrei para agarrar no baba, coisa que sempre fiz por prazer, sendo essa a minha contribuição. A partir do momento em que o baba tem custos fixos e uma diretoria transparente, faz-se necessário sim a cobrança de mensalidade, e como Jairo e Guigo falaram, já passou da hora de ter uma posição mais rigorosa. Acredito que o baba só tem a crescer com isso, e acredito que não é desmerecer ou humilhar ninguém, a atitude sugerida por Jairo (Marcelo Manmed).

Na teoria é lindo, mas a palavra Consciência nesse grupo passa tão longe... No grupo aqui prevalece mais o Cara de Pau. Esses que todos falam, ninguém aponta, e quando alguém aponta essa pessoa é a pior do mundo e ainda é taxado por desfazer da pessoa... Isso prevalece aqui já tem 30 anos, por terem pessoas na frente do baba que passam a mão na cabeça de muita gente e fazem questão de agregar, mas vá cobrar pra você ver o que acontece! (A. Rodrigo).

Discussões a parte, o clima tenso não demora a dissipar-se e logo as postagens retomam para amenidades e confirmações da presença no próximo jogo. Seja virtualmente ou na praia, ficam evidentes os laços de amizade e companheirismo que justificam tantos anos de convivência.

O Baba do Vinho em Piatã: de um dia de chuva as memórias do passado

“Salvador amanheceu com chuva e ventos fortes neste sábado (16) e a previsão é que o tempo continue fechado até a próxima quinta-feira [...] Ao todo, 300 milímetros de chuva devem cair na capital baiana a partir deste sábado”.
(TV Bahia, TV Subaé e G1 BA - 16/04/2022 10h07)
Previsão do Tempo

Depois de dois anos sem realizar o Baba do Vinho devido às restrições da pandemia, os Amigos de Acupe no primeiro baba ocorrido no mês de abril de 2022 - dia 02 – iniciaram as conversas ao término da partida sobre a organização para o Baba do Vinho, a realizar-se no sábado de aleluia, dia 16 de abril. As propostas foram logo encaminhadas para serem deliberadas no grupo de WhatsApp e a resenha continuou com os lances polêmicos daquela partida.

A previsão do tempo acima divulgada pela mídia foi certa e como se diz um “balde de água fria” para as expectativas a despeito da pesquisa. Uma chuva torrencial cobria toda a faixa praieira de Piatã, fazendo um aglomerado de gente disputar espaço nos sombreiros dispostos em algumas mesas da barraca de Paula. Estava tudo atrasado naquele dia: os jogadores não chegavam para completar as equipes, surgindo à possibilidade de junção do *Baba de Thiago* com os Amigos do Acupe, o gelo não fez entrega no tempo hábil, comprometendo o resfriamento das bebidas da barraca e com aquela chuva a noite toda, não foi possível preparar um quitute a base de sardinhas frescas, como afirmou Paula.

Mesmo com um atraso considerado e sob forte chuva que aos poucos foi diminuindo a intensidade, mas sem cessar, o jogo iniciou como de costume. Entre gritos familiares como “tá só penteando o gato!”, “esse bunda de acarajé! ou “dá um piquete na bola!” um e outro jogador comentavam: “eita que hoje nosso baba do vinho sai não, com essa chuva da zorra”. E de fato a tradição do Baba do Vinho nos Amigos do Acupe teve que aguardar mais um ano.

Figura 8 - O Baba do vinho e a chuva em Piatã.



Fonte: acervo pessoal.

Naquele dia, a maré fez sua parte deixando as areias vastas para o jogo mesmo com o vento forte, mas o tempo não. Diante da impossibilidade de realizar a observação participante no Baba do Vinho, as memórias dos jogadores nas entrevistas quanto a esse dia em específico foram determinantes, uma vez que o Baba do Vinho sinalizava significados outros, para além de um simples baba com amigos na praia. Aliás, uma partida de futebol como esta, determinada primeiramente pelo ritmo da natureza na disposição das marés e em seguida pelos simbolismos da Semana Santa, em específico o sábado de aleluia, não deve ser compreendida somente pela relação de entretenimento ou diversão, ou via tradição na literatura em associar práticas esportivas a lazer. Outros significados são postos em jogo quando começa o Baba do Vinho.

Spaggiari, Chiquetto e Piva (2018, p.58) afirmaram:

“... Quando se observa o jogo “de perto e de dentro”, o que se vê são relações de brincadeira, mas também de compromisso e seriedade, que mobilizam uma miríade de significados e identidades, em ações que só podem se realizar em coletivos. Falar de futebol é antes de tudo falar de relações de alteridade que são carregadas de sentimentos e ideias e que servem a motivações diversas”.

Compor o time que vence uma partida nos baba habituais é o objetivo de qualquer integrante dos Amigos de Acupe, mas ganhar a partida do Baba do Vinho é outra história. As singularidades desse dia são expressas:

É um jogo diferente. Quando chega final de fevereiro, já meio perto da Semana santa começamos a pensar e organizar o Baba do vinho. É a forma do nosso grupo comemorar a semana santa que geralmente todos ficamos com nossas famílias, é um momento religioso que comemoramos jogando pra ser a equipe campeã daquele dia (Adroaldo Reis).

O Baba do Vinho é também conhecido na cidade como Baba de Saia e como afirmamos é uma prática cultural tradicional da semana santa que acontece no feriado de Páscoa da sexta-feira da paixão ou no sábado de Aleluia, como é o caso do grupo em tela. É possível também ver o costume, ainda que numa menor proporção, no último dia do ano, vésperas de ano novo. Na cultura da cidade, o Baba do Vinho ou de Saia consiste em um processo de carnavalização, é protagonizado por homens que vestidos com roupas e adereços femininos, jogam futebol nos mais diferentes bairros da cidade regados a vinho, cerveja e música. Na cidade, estes grupos comumente utilizam os dois termos para se referirem ao costume, em que a saia se reporta as fantasias do carnaval e o vinho ao

costume da ingestão da bebida no período da semana santa, a junção destes elementos constitui-se sua identidade cultural. A popularidade e diversidade do costume são tamanhas, que o evento foi agregando formatos, contornos e características que vão de acordo com os grupos que o ritualizam. Um exemplo disso é o grupo Amigos do Acupe, que o realizam no sábado de Alelúia e não adotaram o costume de se travestirem de mulher. Para os Amigos do Acupe, o Baba do Vinho e Baba de Saia são semelhantes quanto a fato de serem Babas jogados na semana santa, mas se diferem pela característica de um vestir roupas e adereços femininos e o outro não. Esta diferença constitui-se elemento importante para entendermos seus significados.

Se reportam ao evento na história do grupo com a terminologia Baba do Vinho, mas não deixam de falar Baba de Saia ao mencioná-lo na cultura religiosa da semana santa da cidade em seus bairros. Quanto ao Baba do Vinho dos amigos do Acupe, explicam:

Nós sempre fazemos o Baba do Vinho. Mas veja, aqui nós não nos fantasiamos de mulher, não temos esse costume. Fazemos nosso jogo e nossa festa depois, mas sem nenhuma fantasia. Na verdade, a fantasia não é um costume que acontece aqui na praia. Esses outros grupos aqui de Piatã, também não se fantasiam. (Adroaldo Reis)

Uma vez há muito tempo tinha um fantasiado aqui nesse dia, mas devia tá vindo de outro baba. Aqui nossa festa é depois do jogo com muito vinho, cerveja e uma comida típica, não visto fantasia aqui. Mas lá no meu bairro tem muita fantasia nesse dia. (Julival Gomes)

Se nos bairros a fantasia de mulher é atributo indispensável para a tradição futebolística, o mesmo não ocorre na praia de Piatã. Inferimos que o costume de não utilizarem as fantasias se estende para os outros grupos, uma vez que suas oralidades denunciam isso: “... Não é só a gente que não usa a fantasia aqui não, no Baba do Thiago e do Joel não tem também, isso não tem aqui não (Evandro Oliveira).

Os integrantes reconhecem o travestimento feminino por parte dos jogadores nos outros espaços da cidade e todos os traquejos dos boleiros nas encenações do comportamento feminino, onde a interação jocosa entre eles permeia todo o acontecimento, mas são categóricos em afirmar que na praia isso não é um costume. Em uma síntese, recordaram que nos seus bairros, os travestidos simulam numa perspectiva carnavalesca o comportamento feminino presente em seus imaginários de feminilidade como a flexão do punho, a elevação do dedo indicador a boca, a inclinação do quadril para

os lados ao andarem ou a verbalização de monossílabos que parodiam o ato sexual ritmados pela música, quase sempre as do carnaval.

No entanto, os Amigos do Acupe reservou outras nuances para o costume e quando interpelados sobre a ausência da fantasia feminina, em específico a saia que batiza um dos nomes da tradição, justificativas foram apresentadas:

A fantasia é um problema, por que estamos longe de casa, nem todo mundo vem de carro e mesmo assim trazer a fantasia é complicado. E pra voltar como é que faz? Vai ter que voltar fantasiado e sujo de baton. Porque os caras se pintam mesmo, é resenha...Riso. (Carlos Fernandes)

E ainda a maquiagem. La no bairro é a mulher dos caras que faz a maquiagem e ajeita toda a fantasia. Já fui ao Baba de saia do meu bairro e foi assim. As mulheres não estão aqui pra fazer isso, aí é mais complicado a fantasia, jogar de saia. (Evandro Oliveira)

Diante dos depoimentos, é possível compreender parte da razão pela qual o grupo identifica sua tradição como Baba do Vinho, ao invés do Baba de Saia. Frente às dificuldades com o manejo da fantasia no deslocamento para a praia, somando a ausência das companheiras para auxiliar na montagem das personagens, a saia simbolicamente é substituída pelo vinho na linguagem do grupo, subtraindo no ritual desse coletivo, quase todos os elementos carnavalescos presentes nos Baba de Saia que ocorrem nos bairros, à exceção das músicas que são executadas nesse dia. O vinho torna-se protagonista junto à bola e a maré que secou as areias para o jogo; mais que isso, carrega a simbologia do feriado religioso, ao ser um dos elementos que representa Jesus instituindo a eucaristia, quando se serve dos alimentos mais simples, incluindo o pão, para selar uma aliança eterna entre criador e criatura.

Os motivos da ausência das fantasias também repousam em significados mais densos que o deslocamento e manejo com fantasias e maquiagens. Como mencionado, o grupo condensa muitos ex-futebolistas profissionais, bem como sua maioria é formada por homens adultos e pais de família. A contar por algumas falas, as fantasias naquele local podem gerar alguma ordem de constrangimento:

Eu não me fantasio não. Já pensou passar alguém aqui e me ver fantasiado? Olha alí fulano vestido de mulher! E não fica bem, imagina o cara que é respeitado no futebol aqui vestido de mulher, nem carnaval é. Eu não gosto não. (Carlos Fernandes)

La no bairro não tem problema não, você conhece todo mundo e está perto de casa, mas aqui é complicado. No meu bairro, que sou do Apeí, aí lá a gente se veste, bota até salto, faz toda a tradição. A festa depois do jogo dura horas e tem até cortejo pelas ruas, aqui não. (Julival Gomes)

Pelos depoimentos, as fantasias que acionam as performances femininas em seus corpos ou no imaginário popular, poderiam causar algum constrangimento a estes jogadores naquele contexto, provocando alguma fissura na forma como se relacionam com aquele espaço ao longo dos anos e as pessoas que nele tem o hábito de circular; preferem de toda forma, manter a tradição do Baba do Vinho sem a saia, apenas com o vinho, que por mais que embriague, não irá com a mesma força de uma saia justa num corpo musculoso, atrair olhares e desestabilizar valores heteronormativos que regem o grupo.

O Baba do Vinho é um espaço de sociabilidade masculina, em que valores associados a esse universo são legitimados e reforçados a todo instante. O futebol é um lugar historicamente determinado pela masculinidade, sustentado por práticas de virilidade, dominação e agressividade. Por expressar um grau de performance futebolística considerável de seus integrantes, o grupo se destaca na praia de Piatã, a exemplo, do Baba de Thiago que mencionamos, formado em sua quase totalidade de homens idosos, cujo vigor físico destoa visivelmente dos Amigos do Acupe. É comum na cultura da cidade, vemos o gênero permeando o futebol no dia do Baba do Vinho com o travestimento masculino e os elementos carnavalescos, mas o foco na performance e competitividade, faz os Amigos do Acupe se distanciarem desse formato mais clássico do ritual na cultura soteropolitana. O domínio simbólico de um futebol cuja técnica e tática são elevados, terminam por não permitirem que o seu oposto, um futebol jocoso e descontraído com homens de saia, entre em cena.

Como disse Santos (2013), a masculinidade funciona para além de aparatos institucionais culturais, estende-se como um discurso carregado de poder. Ao mesmo tempo é também uma das poucas instâncias em nossa cultura que possibilita a formação de comunidades afetivas masculinas. O espaço em que se expressa à virilidade, também é palco de afetos e a natureza do jogo ainda permite contatos físicos entre jogadores ou torcedores.

Nas entrevistas, motivos religiosos não se atrelaram de forma contundente a ausência da saia e da carnalidade no Baba do Vinho. Algumas falas iniciaram a reflexão, mas não se aprofundaram: “... nosso Baba do Vinho é diferente, não tem saia e é também um dia religioso” (Adroaldo Reis). Quando questionado sobre o que a saia poderia representar naquele dia, a resposta foi evasiva: “... a saia é como se fosse um carnaval, aqui é Baba do Vinho” (Pedro Mamed).

Considerações finais

Como se diz popularmente entre os pescadores, “tem dia que o mar não está pra peixe”. Da mesma forma, “tem sábados que Piatã não está para os Babas”; nem mesmo o Baba do Vinho dos Amigos do Acupe escapa dessa regra. Nem todo sábado de Aleluia encontra areias fartas para o jogo, mas nos aproximadamente 30 anos do grupo, a natureza foi generosa com os boleiros e o ritual resistiu ao tempo, recrudescendo os laços de amizade e companheirismo no coletivo.

Em busca de responder o objetivo principal deste artigo, que consistiu em interpretar os significados socioculturais de uma partida de futebol denominada “Baba do Vinho” com tradição de ocorrer no sábado de Aleluia da Semana Santa em Salvador-Ba, elencamos nossos achados.

A princípio o Baba do Vinho dos Amigos do Acupe assume socialmente o significado de um espaço de sociabilidade masculina tradicional na praia de Piatã, constituindo-se parte da cultura local, esportiva e religiosa no sábado de Aleluia. O jogo tido na cidade como um processo de carnavalização e incitamentos ao que seria profano em um feriado santo adquire neste coletivo características distintas, uma vez que o realizam sem a fantasia carnavalesca de mulher e sem apelos sexuais a imagem feminina.

Neste sentido, esse jogo se distancia dos significados relacionados à irreverência, carnavalização, jocosidade, sexualização, erotismo e escárnio simbolizados por suas outras versões espalhadas nos bairros de Salvador. Numa linha mais crítica, este Baba do Vinho não se vincula a análises que tomam os Babas de Saia como vivências sociais em que a violência de gênero por meio da hiperexposição da mulher é praticada, onde a atuação dos travestidos no jogo e depois na festa é um reforço aos estereótipos cisheteronormativos e misóginos.

Por não optarem pela fantasia em razão da logística provocada pelo deslocamento até a praia e, sobretudo por acharem que o travestimento poderia causar alguma espécie de constrangimento social, acrescido da valorização da performance em jogo, agregam aos significados socioculturais do jogo os valores de proteção e perpetuação entre seus pares dos valores de masculinidade inerentes ao universo do futebol.

Relembrando sua dinâmica que gira em torno de uma partida mais acirrada que as habituais, por se tratar de um dia atípico e em seguida uma confraternização regada a muito vinho e comidas típicas da Semana Santa, esse Baba do Vinho é um jogo singular na cultura esportiva soteropolitana, exemplificando a miríade de práticas futebolísticas no tempo social do lazer que vem se multiplicando no território nacional e que estabelecem uma relação profunda com a natureza, neste caso “quando a maré baixar”.

Rerefências

AZEVEDO, T. **A praia: espaço de socialidade**. Salvador: Centro de Estudos Baianos da Universidade Federal da Bahia, 1988.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 2002

DORIA, L. E. **Histórias de Salvador nos nomes de suas ruas**. Salvador: Coleção Bahia de todos - EDUFBA, 2006.

GEERTZ, C. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

MENESES, S. B. **Uso do geoprocessamento como ferramenta de análise territorial: mapa da evolução urbana do bairro do Acupe de Brotas – Salvador/Ba**. 2018. 33 f. Monografia (Especialização em Gestão Ambiental em Municípios) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2018.

PAZ, D. J. M. **Nós Vamos Invadir Sua Praia: o papel dos usuários na sucessão das praias urbanas em Salvador (BA)**. **CADERNOS DO PROARQ (UFRJ)**, v.1, p.82-108, 2017.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos históricos**, v.2, n.3, p.3-15, 1989.

RISÉRIO, A. **A invenção da praia**. In: RISÉRIO, A. Uma história da cidade da Bahia. Rio de Janeiro: Versal, 2004.

SANTOS, J. L. **Silêncio e naturalização na construção das masculinidades na educação básica**. 2013. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SILVA, H. A. **Elogiemos os pescadores ilustres da praia de Piatã**: estudo de antropologia visual sobre pesca artesanal, trabalho e autonomia na cidade. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

SOUZA, E. B. **Planejamento e gestão da orla marítima de Salvador – Bahia**. 2017. 316 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SALVADOR/BAHIA. Lei N° 9278/2017 – **Leis municipais**. Disponível em: Disponível em:<<https://leismunicipais.com.br/a/ba/s/salvador/leiordinaria/2017/927/9278/leiordinaria-n-9278-2017-dispoe-sobre-a-delimitacao-e-denominacao-dos-bairros-domunicipio-de-salvador-capital-do-estado-da-bahia-na-forma-que-indica-e-da-outrasprovidencias>>. Acesso em: set. 2022.

SERPA, A.; LEITE, W.; MACHADO, J. Na praia e no centro: Comércio e serviços de rua frente a operações de requalificação urbana em Salvador-Bahia. **Caderno de Geografia**, v.29 n.59, 2019.

SAPGGIARI, E.; CHIQUETTO, R. V.; PIVA, R. Jogar Bola, rodar e tirar um lazer: amadores em São Paulo (SP) e Manaus (AM). In: MAGNANI, J. G. C.; SPAGGIARI, E. (Orgs.) **Lazer de Perto e de Dentro**: uma abordagem antropológica. São Paulo: Edições Sesc, 2018.

VASCONCELLOS, M. S. **Uma cidade deficiente: o acesso às praias para pessoas com deficiência física em Salvador**. Mestrado (Dissertação) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2019.

WISNIK, J. M. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.